

Sexualidade e Relação de Gênero



Denise Pereira
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © da Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes
Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S518 Sexualidade e relações de gênero [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 1)

Formato: PDF
Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-047-6
DOI 10.22533/at.ed.476191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO:

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	9
JUDITH BUTLER: PERFORMATIVIDADE, CONSTITUIÇÃO DE GÊNERO E TEORIA FEMINISTA	
Maria Irene Delbone Haddad	
Rogério Delbone Haddad	
DOI 10.22533/at.ed.4761916011	
CAPÍTULO 2	16
O DIREITO NÃO SOCORRE A QUEM EXPRESSA SUA SEXUALIDADE? ASSIMETRIAS JURÍDICAS ACERCA DAS MANIFESTAÇÕES DO SEXO NOS ÂMBITOS LEGISLATIVO E JUDICIÁRIO BRASILEIROS	
Fábio Periandro de Almeida Hirsch	
José Euclimar Xavier de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.4761916012	
CAPÍTULO 3	26
PROTEÇÃO PARA QUEM? LEI MARIA DA PENHA E AS MULHERES TRANS	
Saskya Miranda Lopes	
Bianca Muniz Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4761916013	
CAPÍTULO 4	34
SEXUALIDADE DESVIANTE DE MARIA: UM CASO DE PERVERSÃO FEMININA	
Joice Cordeiro Dos Santos	
Giseli Monteiro Gagliotto	
DOI 10.22533/at.ed.4761916014	
CAPÍTULO 5	46
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA MULHER: ATENDIMENTO NAS UNIDADES DE SAÚDE DO ESTADO DE RORAIMA	
Denison Lopes da silva	
DOI 10.22533/at.ed.4761916015	
CAPÍTULO 6	56
A EMANCIPAÇÃO DAS MULHERES POR MEIO DA EDUCAÇÃO: GARANTIA DE DIREITOS E AS COTAS NA UNIVERSIDADE	
Grazielly dos Santos Germano	
Kênia Gonçalves Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4761916016	
CAPÍTULO 7	70
AS AÇÕES DE REQUALIFICAÇÃO CIVIL DE PESSOAS TRANSEXUAIS E O PAPEL DA DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (DPRJ)	
Mably Trindade	
DOI 10.22533/at.ed.4761916017	

CAPÍTULO 8 86

ATIVISMO E MARCOS LEGAL DA POPULAÇÃO LGBTQBTI: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alberto Magalhães Pires
Carla Andreia Alves de Andrade
Charles Jefferson Cavalcanti da Silva
Esmeraldo Rodrigues de Lima Neto
Taiwana Batista Buarque Lira
Silvania Lucia da Silva Carrilho

DOI 10.22533/at.ed.4761916018

CAPÍTULO 9 95

A LEGALIDADE E LEGITIMIDADE DA APLICAÇÃO DA LEI MARIA DA PENHA NOS CASOS EM QUE FIGURE COMO VÍTIMA TRANSEXUAIS QUE MODIFICARAM SEU GÊNERO NO REGISTRO CIVIL SEM A REALIZAÇÃO DA NEOCOLPOVULVOPLASTIA

Alisson Carvalho Ferreira Lima
Naiana Zaiden Rezende Souza

DOI 10.22533/at.ed.4761916019

CAPÍTULO 10 106

BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ

Thaís Vieira Gaudard Curcio
Nivia Valença Barros
Joice da Silva Brum

DOI 10.22533/at.ed.47619160110

CAPÍTULO 11 119

DIREITOS LGBT EM PALCO DE DISPUTAS

Thaís Vieira Gaudard Curcio
Nívia Valença Barros

DOI 10.22533/at.ed.47619160111

CAPÍTULO 12 130

EMBATE DE MINORIAS: A IDENTIDADE DE GÊNERO NO SISTEMA PRISIONAL

Leandro Leite
Verônica Gesser
Bruna Roberta Wessner Longen
Everaldo de Souza

DOI 10.22533/at.ed.47619160112

CAPÍTULO 13 141

FEMINISMOS, DEFICIÊNCIAS E DIREITOS DAS MULHERES SURDAS

Keli Krause
Laura Cecilia López

DOI 10.22533/at.ed.47619160113

CAPÍTULO 14 150

NORMATIZAÇÃO DA SEXUALIDADE NOS DISCURSOS MÉDICOS EUROPEUS A PARTIR DO SÉCULO XVIII: A PROSTITUTA, UMA “ESPÉCIE SEXUAL”

Daniela Nunes do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.47619160114

CAPÍTULO 15 162

PODEMOS CONTAR? A POTÊNCIA DA NARRATIVA COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA E DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Luanna Calasans de Souza Santana
Márcia Santana Tavares

DOI 10.22533/at.ed.47619160115

CAPÍTULO 16 169

BREVES REFLEXÕES SOBRE A VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR/DOMÉSTICA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES LÉSBICAS EM NITERÓI/RJ

Joice da Silva Brum
Nivia Valença Barros
Thaís Vieira Gaudard Curcio

DOI 10.22533/at.ed.47619160116

CAPÍTULO 17 175

A VIOLÊNCIA SOBRE OS CORPOS INFANTO-JUVENIS NA BAHIA, FEIRA DE SANTANA E SALVADOR, 1940-1960

Andréa da Rocha Rodrigues Pereira Barbosa

DOI 10.22533/at.ed.47619160117

CAPÍTULO 18 1822

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: PENSANDO NO AGRESSOR

Gabriela Alano Pamplona
Perla Alves Martins Lima
Adan Renê Pereira da Silva
Sharlenny Santos Alencar

DOI 10.22533/at.ed.47619160118

CAPÍTULO 19 198

PERCEPÇÕES DE MULHERES DA MESMA FAMÍLIA E DE DIFERENTES GERAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Michelle Araújo Moreira
Jéssica Suellen Barbosa Mendes Ramos

DOI 10.22533/at.ed.47619160119

CAPÍTULO 20 212

SEXO ABRIGADO: CUIDADOS DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA PARA INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Milena Vaz Sampaio Santos
Jeane Freitas de Oliveira
Carle Porcino
Dejeane de Oliveira Silva
Lorena Cardoso Mangabeira Campos

DOI 10.22533/at.ed.47619160120

CAPÍTULO 21 220

REFLEXÕES ACERCA DA FALÁCIA DO BINARISMO ENTRE MASCULINO E FEMININO EM O MUNDO SE DESPEDAÇA

Ilauanna Teles Silva
José Carlos Felix

DOI 10.22533/at.ed.47619160121

REFLEXÕES ACERCA DA FALÁCIA DO BINARISMO ENTRE MASCULINO E FEMININO EM *O MUNDO SE DESPEDAÇA*

Ilaunna Teles Silva

Pós-crítica / Universidade do Estado da Bahia

llaun_ts@hotmail.com

Alagoinhas – Bahia

José Carlos Felix

Pós-crítica / Universidade do Estado da Bahia

jfelix@uneb.br

Alagoinhas - Bahia

RESUMO: As noções de masculino e feminino tem pautado os padrões pré-estabelecidos pela sociedade ocidental, na qual os gêneros se tornam um protótipo ideal, uma ideia formatada de identidade e comportamentos em que seres afins devem assumir por meio de performances dentro das relações sociais. Tomando essa afirmação como base, o presente trabalho busca uma reflexão crítica acerca da noção de dualidade masculina e feminina em dois personagens específicos (Nowye e Enzimna) do romance *O mundo se despedaça* (*Things Fall Apart* – 1958), visto que nessa obra, seu escritor, Chinua Achebe, adensa o debate colonialista e cultural ao inserir a questão de gênero, assinalando o papel social e cultural de homens e mulheres na tribo nigeriana *ibo*. Nesse sentido, esse trabalho procura identificar a formação ideológica das identidades de gênero, ao problematizar as noções de

masculino e feminino, cujos conceitos oferecem representações do gênero como aspectos identitários. Para tal, o debate pós-colonial norteará o debate de gênero e a dualidade masculina e feminina, na hipótese das práticas culturais como formadoras dos gêneros e suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Identidade; Literatura Pós-colonial; *O mundo se despedaça*.

ABSTRACT: The notions of male and female have ruled the pre-established patterns by western society, in which genders become an ideal prototype, a formatted idea of identity and behaviors whither allied beings must assume through performances within social relations. Taking this assertion as a basis, the present work seeks a critical reflection on the notion of masculine and female duality in two specific characters (Nowye and Enzimna) from *Things fall apart* (1958), whereas in this novel, its writer, Chinua Achebe, furthered the colonialist and cultural debate by inserting the gender issue, noting the social and cultural role of men and women in the Nigerian *ibo* tribe. In this sense, this work seeks to identify the ideological formation of gender identities, by problematizing the notions of masculine and feminine, whose concepts offer representations of the gender as identity aspects. Thusly, the postcolonial debate

will guide the gender debate and the male and female duality, on the assumption of cultural practices as genders and their identities.

KEY-WORDS: Gender; Identity; Postcolonial Literature; *Things fall apart*.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho é parte da pesquisa de Mestrado, ainda em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, cujo título é “*Things fall apart*: transposições culturais do texto literário para a reescrita cinematográfica”. Nosso interesse em particular pelo assunto deu-se de maneira um tanto singular, posto que, algum momento de nossas trajetórias acadêmicas foram profundamente afetadas ao sermos apresentados e entrarmos em contato com romance *O mundo se despedaça* (*Things fall apart* - 1958), livro de estreia do aclamado escritor nigeriano Chinua Achebe, escrito quando o autor ainda era um jovem de vinte anos e descreve de maneira vívida o cotidiano por meio das tradições orais e das práticas culturais da tribo ibo, bem como as consequências nefastas da invasão colonialista britânica na Nigéria. A obra, que reforça o debate teórico-crítico a respeito das transformações ocorridas na sociedade advindos dos processos de colonização, tornou-se um marco na literatura moderna nigeriana e uma espécie de *magnum opus* no movimento literário contemporâneo denominado “literatura pós-colonial”, apresentando ao mundo a complexidade e a diversidade cultural dos povos que habitam uma região do continente africano, ao mesmo tempo em que coloca em perspectiva uma longa tradição narrativa de matriz eurocêntrica de representações negativas e depreciativa desses povos.

O mundo se despedaça destaca o papel social e cultural de homens e mulheres durante um período um tanto conturbado e não apenas expõe ao mundo os meandros de uma sociedade considerada “selvagem e primitiva” registrada nos diários de viagem realizados pelos exploradores europeus, mas também legitimado na do discurso literário produzido pelo cânone europeu, ao inscrever a maneira pela qual as guerras e as disputas de poder tanto internas quanto externas interferem e afetam a formação da identidade cultural de um grupo. Dentre miríade de temas e questões abordadas no romance em foco, chama-se a atenção a tese de que a emergência e o projeto “civilizatório” das nações europeias resultaram a rigor no declínio, quando não o extermínio dos aspectos culturais de outros povos. Mesmo quase sessenta anos após a sua publicação, lançado dois anos antes da Independência da Nigéria, *O mundo se despedaça* ainda suscita uma série de questões controversas e longe de um consenso geral acerca da intolerância e da dificuldade dos povos e compreenderem e aceitarem as diferenças culturais entre si, instigando uma reflexão crítica acerca das relações de poder não apenas entre colonizadores e colonizados, mas das questões de gênero e do papel da mulher na estruturação social nigeriana.

Nesse sentido, cabe informar que este trabalho é uma pesquisa bibliográfica, visto que ele será desenvolvido sob o embasamento teórico de Bonnici (2000, 2003)

que norteia o debate pós-colonial e suas relações com as produções culturais e literárias, ao passo que Bhabha (1986) fundamenta a noção de que os gêneros são constituídos por meio de práticas culturais. Butler (2015) e Gomes (2008) reforçam o debate de gênero, que alicerçam o conceito da dualidade masculina e feminina. Sob a perspectiva exploratória e explicativa, reiteramos que, o principal objeto da pesquisa é a obra *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, tendo como finalidade explorá-lo, com ênfase particular na dualidade do masculino e feminino, constatadas em *Enzimna* e *Nowye*, dois dos filhos de Okonkwo, o personagem principal. Este trabalho objetiva ainda abordar as particularidades do masculino e feminino, sob a conjectura de ambos enquanto produtos de uma construção sociocultural, que buscam determinar a formação ideológica das identidades de gênero no sentido de problematizar e esgarçar as tênues fronteiras entre o masculino e o feminino, cujos conceitos oferecem representações do gênero como aspectos identitários.

Como forma de melhor sistematizar o debate, dividimos o texto em três seções, sendo que a primeira consiste em um breve panorama acerca do período Pós-colonial, as influências literárias e sociais da época assim como do próprio Achebe. A segunda seção discute como a tradição oral transpassava as ideias dos padrões pré-estabelecidos dos gêneros, dentro do grupo *ibo*. A terceira e última seção, seguida das considerações finais, aborda de maneira mais detida a questão da dualidade homem/mulher e como os estereótipos de cada gênero são instituídos na contemporaneidade, dando espaço às considerações finais, que ratificam, homens e mulheres enquanto indispensáveis, e no mesmo nível, dependentes de um para com o outro.

2 | QUESTÕES PÓS-COLONIAIS E A FORMAÇÃO CULTURAL.

A vastidão de textos produzidos pelo debate teórico sobre o pós-colonialismo nas últimas décadas serviu, entre outras questões para nos ajudar a compreender que, antes de buscarmos uma exatidão e precisão que o termo possa abarcar, tal debate tem, na prática, um efeito contrário, arrastando mais para o epicentro de uma profusão de temas controversos como os resquícios de luta, dupla colonização feminina, o período do subalterno sem voz, e as transformações de identidades ocorridas no colonialismo e manifestadas no período depois deste. Quase sempre pela falta de *le mot juste*, o termo pós-colonialismo vem sendo entendido e empregado mais como uma condição de descrição de embates históricos, econômicos, políticos e culturais arrolados no processo imperial que definem, mesmo que precariamente, nossa compreensão desse recente da história mundial. Por conseguinte, a alcunha de literatura pós-colonial seria, na esteira de processo imbricado, as produções desenvolvidas entre os séculos XV e XX, pelos povos colonizados pelas potências europeias (Ashcroft *et al.* 1991 *apud* BONNICI 2000: 9).

Sabe-se que para se dar o processo de pós-colonização é necessário existir primeiramente a colonização, dada pelo desejo de domínio sobre o outro. Esse

domínio circunscreve-se principalmente pelo discurso, usado para induzir e/ou encetar e aprimorar força para com a sociedade, ao passo que este reforça e subverte o poder, pautada na finalidade de induzir ou encetar e aprimorar força para/com a sociedade. Todavia, para Hall (2011) esse mesmo termo “pós” precedente de colonialismo é empregado, por vezes, de forma equivocada, uma vez que ele indica o fim de um período, dando a entender que tudo o que aconteceu na colonização, tivesse chegado a um fim definitivo. McClintock aponta para uma armadilha criada identificada no seio do debate daquilo que se convencionou a chamar de *teoria* pós-colonial ao deslocar e até mesmo reduzir o binarismo que marcou o discurso do mundo ocidental por meio de binarismos como eu/outro, metrópoles/colônia, centro/periferia para a antinomia colonial/pós-colonial. Segundo ela, embora recentemente, tenhamos testemunhado um câmbio do:

eixo binário de *poder* (colonizador/colonizado, dada sua inadequação que torna mais uma vez opaca a condição da mulher) para o eixo binário do *tempo*, um eixo ainda menos produtivo em termos de nuances políticas uma vez que não faz distinção entre os beneficiários do colonialismo (ex-colonizadores) das causalidades do colonialismo (os ex-colonizados) (MCCLINTOCK: 2009, 1186).

Além das limitações impostas por uma lógica de pensamento binário que circulam de forma espiral recolocando sempre no centro do debate e do pensamento “uma rubrica eurocêntrica”, McClintock ainda assevera que o próprio prefixo “pós” não faz mais que deslocar e “reduzir as culturas dos povos colonizados para além do colonialismo para um tempo *preposicional*”, o “após”, ou tudo aquilo que veio depois (2009, 1187). Nesse entido, para Hall, esse termo não pode indicar uma “diferença” do colonialismo, que ainda hoje apresenta resquícios em nossa sociedade, enquanto Said (1990) assinala que, entre todos os horrores, o machismo constitui uma face nem sempre tão visível do pós-colonialismo, porém, não menos terrível e implacável, uma espécie de *dark side of the force* ainda mais na qual a mulher converte-se em um ser duplamente colonizado, e um aspecto bastante indigesto presente na obra de Achebe a ser examinada. Cabe informar que, dos dez personagens mais significativos de *O mundo se despedaça*, cinco são mulheres, contudo, pouco se manifestam durante a narrativa. Dessas cinco mulheres temos: 1) Ekwefi, a segunda esposa do personagem principal, Okonkwo, é a que representa o maior estereótipo feminino: a mulher que fora bela quanto jovem, decepcionou a família (marido), inicialmente por não gerar filhos vivos, e por fim por gerar uma menina, e não um menino, como era esperado pelo pai; 2) Ojiugo é a terceira esposa, rotulada como causadora de discórdia, inclusive, considerada culpada por um momento de fúria de seu marido, que a agride fisicamente; 3) Anasi, primeira esposa de Okonkwo, basicamente servia para exibir os títulos do marido, através de tornozeleiras que ficavam expostas a fim de ostentar as façanhas do guerreiro. Ela é uma das que pouco se destaca na narrativa enquanto personagem. 4) A mãe do protagonista recebe apenas uma breve menção pelo narrador, não participada ativamente na trama; 5) Cabe a Enzimna o papel de

mulher de maior representatividade no romance. Filha do protagonista e amada por ele, só possuía um defeito: ser mulher. É sob os aspectos dessa personagem que o recorte de nosso exame se pautará, em conjunto com Nowye, irmão de Enzimna, jovem cujo temperamento se distanciava de padrões masculinos, o que incitava a cólera de seu pai.

3 | A TRADIÇÃO ORAL ENQUANTO FERRAMENTAS DE CONSTRUÇÃO E VALORIZAÇÃO DA HISTÓRIA.

Em *O mundo de despedaça*, Achebe se propõe a expor a real cultura *ibo* quando usa de diversos provérbios durante sua narrativa. Esses provérbios ou histórias geralmente eram contados pelos mais velhos da tribo, seres de extremo valor diante de toda a experiência adquirida em seus anos de vida. O uso de provérbios é frequente no decorrer do romance, geralmente citado por um ancião, mas também usado pelo povo em geral, seja para esclarecer algo ao seu interlocutor, seja para dar ênfase ao que se está sendo mencionado.

Nossos mais velhos dizem que o sol brilhará sobre os que permanecem de pé, antes ade brilhar sobre os que se ajoelham (p. 28).

[...] Pinto que um dia há de ser galo, a gente conhece assim que sai do ovo (p. 85).

Os provérbios são, na narrativa das sociedades tradicionais africanas, formas de transpassar suas crenças, de maneira que seus valores não se percam através do tempo. Tal feito é desenvolvido mediante a uma manifestação cultural de vasta importância conhecida como *tradição oral*, que permite o repasse das crenças de um povo por meio das narrativas de geração para geração. Padilha afirma que “a milenar arte da oralidade difunde as vozes ancestrais, procura manter a lei do grupo, fazendo-se, por isso, um exercício de sabedoria” (2007: 35).

As culturas orais alicerçam as sociedades mediante as tradições ancestrais tendo a memória como sustentação para a transmissão de saberes, uma vez que a memória registra informações e age como responsável pela aquisição de conhecimentos. Outrossim, a oralidade está relacionada com a fala, sendo que esta segunda, é “considerada como a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças” (HAMPTÉ BÂ, 1982: 185). A supervalorização da fala, enfatiza a importância da tradição oral nas sociedades africanas, pois ela pode tanto construir, quanto destruir, conforme afirma HAMPTÉ BÂ “uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto em chamas pode provocar um grande incêndio” (185-186).

A tradição oral é uma das mais indispensáveis ferramentas de construção e valorização da história, haja vista que ela é moldada pela experiência de diversos povos provenientes de uma cultura imensurável em riqueza.

4 | A CONSTRUÇÃO BINÁRIA HOMEM E MULHER.

O conceito de identidade é algo complexo, especialmente quando ele entrecorta a noção não menos complexa e porosa de identidade de gênero. Bhabha enfatiza o fato de o processo cultural ser relacionado ao processo de identidade, destarte, ressalta que as “diferenças culturais, raciais, de gênero, de classe, etc. não seriam problemáticas se fossem apenas diferenças, a questão central é que elas são hierarquizadas socialmente e se transformam em desigualdades” (1958: 76), isso, conseqüentemente, desencadeia desacordos a respeito do ser masculino e do ser feminino.

Por décadas, a visão do ser feminino se restringiu ao sensível e frágil tanto fisicamente, quanto intelectualmente, cuja qualidade se dava por ser alguém com dons específicos aos cuidados do “lar”. A imagem feminina limitou-se a sua anatomia, em que a própria criação é resquício do feito primeiro, o homem. Sendo assim, firmou-se a ideia que a mulher, como uma espécie de agradecimento, deveria não apenas servir ao homem sexualmente, mas submeter-se a este, enquanto superior. Todas as qualidades femininas passaram a ser vistas como pontos negativos, desenvolvendo as frases clichês e de conotação pejorativa, por exemplo, as afirmações que alguém “age feito mulherzinha”, geralmente dita para homens como forma de insulto, ou até mesmo um suposto elogio, como “você nem parece que é mulher”, se esta não segue o que lhe foi pré-estabelecido nas sociedades patriarcais. No entanto, para Judith Butler (2015: 18) “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes”. O fato de “ser mulher” não deve ser considerado a única coisa que a pessoa “é”. Essa separação da noção gênero, relaciona-se com as “modalidades raciais, classicistas, étnicas, sexuais e regionais”.

A imagem masculina também passou por processos de formação identitária, aos quais apresentam um modelo ideal, desde a própria genética (um homem de verdade deve ser forte), provando a sua masculinidade a todo tempo, assegurando o padrão ideologicamente social. A virilidade masculina, representada muitas vezes pelo órgão sexual, é cobrada com bastante intensidade, e homens que não correspondem a essa cobrança são vítimas do “seja homem”, como se fosse necessário provar a sua masculinidade constantemente. Pinho (2005: 139) discorre a respeito da masculinidade enquanto a presença, e a feminilização a ausência, do poder. Esse poder pode ser sobre um ser feminino, ou mesmo outro masculino. Assim, as descrições para homens e mulheres se opõe, enquanto o forte, bruto, dominador, é atribuído ao masculino, o delicado, gentil, meigo e vulnerável é encetado ao feminino. Conseqüentemente, passou a existir padrões em que as identidades masculinas e femininas deveriam se firmar.

Todavia, Gomes (2008: 74) argumenta que alguns homens apresentam uma irresignação em representar o ser masculino ao passo que este oponha o ser feminino, utilizando o argumento que da mesma forma que existem homens agressivos, também

existem os delicados, e o mesmo vale para as mulheres. Logo, o ser homem não se fixa a uma determinada descrição de “isto e aquilo” mas em ser também “isto ou aquilo” e possibilita o pensamento de uma masculinidade múltipla.

4.1 ENZIMNA E NOWYE

A cultura apresenta diversos conceitos a respeito dos gêneros, podendo ser estes fixos ou não. Assim, tanto o gênero quanto o sexo, são determinados por ela. Dessa forma, os discursos legitimados sobre os gêneros reforçam que a sua construção é estabelecida, não por uma questão biológica, mas por uma questão cultural, compreendo assim que, a formação identitária do sujeito é construída pelos diversos conceitos de gênero e sexo. Hall (1997) enfatiza que esse discurso é que compõe o sujeito, e os lugares que devem ser ocupados por ele, e isso deixa a teoria da representação vulnerável, por trazer implicações radicais a respeito da posição sujeito e o discurso que o construiu.

De acordo com Hall (1997), a cultura abrange todos os elementos cognitivos e sociais, por conseguinte, essa extensão cultural liga-se diretamente às questões religiosas, artísticas, educativas, e claro, considerações a respeito dos gêneros e suas formações identitárias. Em *O mundo se despedaça*, é possível notar essa formação a partir da divisão de mundo entre homens e mulheres, evidenciando a sociedade patriarcal em que o grupo *ibo* era envolto. As cerimônias descritas na obra, apresentam a importância das tradições para esse povo.

Cada rito denota um acontecimento em específico. Um exemplo é a cerimônia de visita de um vizinho, em que o visitante deve levar vinho de palma e noz de cola, por uma questão de respeito e tradição, e entre as pessoas presentes, a mais velha deve ser a primeira a provar do vinho, desde que seja homem. À parte da cerimônia de visita, o rito de beber o vinho também deveria seguir a tradição de o homem da casa sempre tomar primeiro, em seguida todos os presentes deveriam beber, iniciando sempre do mais velho, e por fim, suas esposas dariam sequência, começando também sempre da esposa mais velha, geralmente a primeira esposa. No romance, isso acontece quando Anasi, não se encontra em casa durante um rito de beber vinho, e as demais esposas deveriam aguardá-la para poder tomar o vinho: “Anasi era a primeira mulher a as outras não podiam beber antes dela”. (p. 40)

Acredita-se nas sociedades ocidentais do século XVIII, homens e mulheres possuíam o mesmo órgão sexual, um pênis, no entanto, na mulher era algo interno e reprimido. Com o passar do tempo, as necessidades econômicas e culturais acentuaram os papéis de gênero, ou seja, dois sexos, com isso tornou-se inevitável uma diferenciação entre esses sexos, surgindo assim o masculino e o feminino (LAQUEUR: 2001). O problema é que essa diferenciação se embasou no masculino como viril e no feminino como afável.

Essa afabilidade não era notada em Ezinma, isso era percebido até mesmo na

forma que a menina chamava a sua mãe. “— Ekwefi — disse ela —, é verdade que, quando as pessoas são crescidas, o fogo não as queima? — Ezinma, ao contrário da maioria das crianças, costumava chamar a mãe pelo nome” (p. 60). Chamar a mãe pelo nome mostra desapego à família, em especial a mãe, algo que deveria ser característico dos homens daquele clã. Essa é uma característica tão marcante da personagem, que o narrador enfatiza novamente: “Enzinma não chamava a mãe de *Nna*, mamãe, como as outras crianças. Chamava-a pelo nome. Ekwefi, tal como faziam o pai e os demais adultos” (p. 96). Outro atributo que foge do feminino, é a afeição em luta livre, apresentado por Enzinma durante um diálogo com a mãe.

- Ekwefi - continuou Enzinma, que se juntara a mãe, para ajudá-la a depenar a galinha -, minha pálpebra está tremendo.

- Isso quer dizer que você vai chorar – disse a mãe

- Não – retrucou Enzinma -, é a pálpebra de cima.

- Isso significa que você vai ser alguma coisa.

- O que é que eu vou ver? – indagou a menina.

- Como é que eu posso saber? - Ekwefi queria que a filha descobrisse por si mesma.

- Há, há! Exclamou Enzinma por fim. – Já sei o que é. É o torneio de luta livre. (p. 61)

Numa sociedade patriarcal, o nascimento de filhos homens é motivo de celebração. Pois este, certamente denota a virilidade de seu pai, que fará do jovem orgulho mediante a aldeia. Ter um filho, forte, másculo e que segue seus preceitos, vai além dos desejos de progenitor patriarcal. Isto posto, as mulheres, enquanto geradora de uma criança de gênero masculino, cumpre o dever de esposa, e se penaliza ao conceber uma menina, pois sabe que esta terá um destino não tão promissor quanto teria se fosse um menino, um desejo que Okonkwo possuía, como se pode perceber nas seguintes afirmações:

A menina sentou-se com as pernas estendidas. Okonkwo principiou a comer, sem prestar atenção ao que fazia. “Ela devia ter nascido menino”, pensou, contemplando a filha de dez anos.

[...]

Com uma das mãos Ezinma pegou a tigela de comida e com a outra a cumbuca vazia, e regressou à cabana da mãe. “Ela deveria ter nascido menino”, tornou a pensar Okonkwo. (p. 83)

[...]

Se Enzinma fosse um menino, eu me sentiria mais feliz, ela é quem tem o

Contraposto ao sentimento de Okonkwo por Enzinma, o seu relacionamento com Nowye, seu primogênito, era conturbado pois esse, apresentava tudo aquilo que o pai desaprovava: a fraqueza. Isso se dava tanto fisicamente, uma vez que o jovem era esguio, quanto por meio de seu comportamento.

O primogênito de Okonkwo, Nwoye, tinha na época doze anos, mas já provocava grande apreensão no pai, por sua incipiente preguiça. Essa era a impressão que sua atitude dava ao pai, que procurava corrigi-lo com pancadas e críticas incessantes. Dessa forma, Nwoye crescia e se tornava um jovem de rosto tristonho. (p. 33)

A verdade é que a chamada “preguiça” se dava apenas porque o jovem não tinha interesse nas atividades que deveriam ser desenvolvidas por homens, como cortar o inhame corretamente para o plantio. (p. 52-53). Pode – se dizer que para o protagonista, a vergonha era a única coisa que descrevia seu filho, afinal um homem conhecido como “Chama Estrondosa”, certamente não seria genitor de um menino que apresentava características femininas.

Okonkwo fora popularmente apelidado de Chama Estrondosa. Nesse momento, ao contemplar o fogo produzido pela lenha, lembrou-se dessa alcunha. Como era possível, então, que tivesse gerado um filho como Nwoye, degenerado e efeminado? Talvez Nwoye não fosse seu filho. Isso mesmo! A mulher o havia enganando. Dar-lhe-ia uma lição! (p. 179).

Ser efeminado está contextualizado a algo negativo. O feminino se aparta de atributos guerreiros, e apresenta o homem como provedor da família. Assim sendo, ser “macho” deve ser uma conquista, não é algo que se herda, mas que se alcança. A figura masculina, segundo Albuquerque Júnior, deve se dar por “costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos; um macho, capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise; um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava”, (2003: 62). Disso, surgem questionamentos como: o que é ser masculino afinal? Em que categoria, se encaixam os homens que não seguem o padrão “machão”? Deixam de ser homens por isso? Pode-se dizer que muitos homens são vítimas desse padrão pré-estabelecido e sofrem repressão caso não o siga:

Como poderia ter procriado uma mulher, em vez de um filho macho? Na idade de Nwoye, Okonkwo já se tornara famoso em toda Umuófia por sua maneira de lutar e por sua bravura. Suspirou fundo e, em sinal de solidariedade, a lenha, já sem chama, também lançou um suspiro. Nesse preciso instante, os olhos de Okonkwo se abriram e ele compreendeu tudo com absoluta clareza. O fogo ardente procria a cinza fria e sem força... (p. 174)

Okonkwo tinha um carinho especial pela filha, no entanto, importante se faz, compreender que o afeto demonstrado para *Enzinma*, por seu pai, era deveras singular porque todas as atitudes da menina refletiam em comportamentos masculinos, “Se Enzinma fosse um menino, eu me sentiria mais feliz, ela é quem tem o temperamento certo. (p. 85), conseqüentemente, a aversão com *Nwoye* era proveniente da visão feminizada espelhada na conduta do jovem. “— Nwoye já tem idade suficiente para

fecundar uma mulher. Na idade dele, eu já sabia me defender sozinho. Não, meu amigo, o garoto não é mais tão criança.” (p. 85). O que reforça a afirmação da masculinidade estar vinculada a virilidade.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de gênero, apresenta a relação dos sexos como uma construção social, advinda das práticas culturais. A divisão entre o masculino e o feminino, tem percorrido um longo caminho e sofrido diversas mutações no entendimento do que é considerado um comportamento de homem e/ou de mulher, a fim de estudar os papéis de gênero para analisar outras formas do ser homem e do ser mulher na contemporaneidade.

Aos poucos, homens e mulheres tem conseguido se libertar dos padrões lhe impostos, descaracterizando os estereótipos provenientes da formação cultural das sociedades pós-coloniais, no entanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido, a fim “desrotular” os gêneros, assunto esse, que tem ganhado bastante espaço na área de pesquisa e discussões teóricas.

Sabe-se que a colonização desencadeou transformações nas mais diversas sociedades, trazendo grande impacto ainda na contemporaneidade, especialmente, nas temáticas de gênero, o que tem permitido a exploração de um pensamento descolonial e de restauração de identidades.

Ainda em fase de pesquisa bibliográfica, estudar as construções identitárias de um determinado grupo, ainda que por meio de características apresentadas em um romance, reforça a necessidade e importância de desnaturalizar o masculino e o feminino enquanto seres opostos como um todo, mas acentuar a indispensabilidade igualitária de ambos.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **Things fall apart**. United States: Anchor books, 1958.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval M. de (2003). **Nordestino**: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (Nordeste 1920/1940). Maceió: Edições Catavento.

BONNICI, T. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000.

_____. Teoria e crítica pós-colonialistas. In **Teoria Literária**; abordagens *históricas* e tendências contemporâneas. Org. Thomas Bonnici e Lúcia O. Zolin. Maringá: EDUEM, 2003.

_____. **Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós colonial em inglês**. Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá, v. 28, n. 1, p. 13-25, 2006

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço Reis e Gláucia Rate Gonçalves. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998. _____. 1986

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Judith Butler;

tradução, Reanto Aguiar. – 9a ed. – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.

GOMES, Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2008.

HALL, Stuart. Quando foi o pós colonial. In: **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p.95-118.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação e Realidade, Porto Alegre, vol. 22, nº2, pp. 15-46, jul/dez 1997.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2 Ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212

LAQUEUR, Thomas (2001). **Inventando o sexo**. Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará.

MCCLINTOCK. Anne. “The Angel of Progress: Pitfalls of the Term ‘Post-colonialism’”. In: **Literary Theory: an Anthology**. RIVKIN, Julie; RYAN, Micheal (Ed.). Oxford: Blackwell Publishing, 2009, p. 1186-1196.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

PADILHA, Laura Cavalcante. 1995. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestral idade na ficção angolana do século XX. Niterói: Ed. UFF.

PINHO, O. A. **Etnografias do Brau**: corpo masculinidade e raça na refricanização em Salvador. Estudos Feministas, 13(1): 127-145, 2005.

SOBRE A ORGANIZADORA

DENISE PEREIRA: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE). Coordenadora das Pós Graduações: MBA em Logística e Supply Chain; MBA em Gestão Estratégica de Pessoas; MBA em Auditoria, Finanças e Controladoria; MBA em Comunicação Empresarial; MBA em Gestão Empresarial. Experiência nas disciplinas de Pós Graduação em: Metodologia de pesquisa, Artigo Científico, Responsabilidade Social, Metodologia do Ensino Superior.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-047-6

